

## Rancière e Jean Rouch: aproximações possíveis a partir de “*Eu, um negro*”<sup>1</sup>

Maria Júlia Alencastro VEIGA<sup>2</sup>  
ESPM, São Paulo, SP

### RESUMO

O presente artigo busca fazer aproximações entre as obras de Jean Rouch e Jacques Rancière a partir do filme *Eu, um negro* de 1958. Explorando a antropologia compartilhada do cineasta e a escritura igualitária do filósofo. O filme é um precursor da etnoficção, borrando os limites fílmicos entre ficção e documentário, dessa forma proponho uma análise do mesmo como prática reparadora e emancipatória, para além do caráter documental de denúncia que por vezes aprisiona a imagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Eu, um negro; Jean Rouch; Rancière; cinema; ficção.

### CORPO DO TEXTO

Jean Rouch foi um importante cineasta e antropólogo, precursor da etnoficção e da antropologia compartilhada. A obra de Jean Rouch é paradigmática, o autor fez contribuições substanciais tanto para o cinema quanto para a antropologia. Godard considera Rouch uma inspiração para seus filmes e o movimento cinematográfico Nouvelle Vague, Godard teria feito “Acossado” inspirado diretamente por “Eu, um negro”, sendo o título inicial de seu filme “Eu, um branco”.

Jacques Rancière é um filósofo francês nascido na Argélia, é um pensador com uma abordagem interdisciplinar que fez contribuições importantes nas áreas de política, estética e teoria literária. Os dois autores têm vários pontos de convergência que gostaríamos de explorar a partir do filme “Eu, um negro”.

O filme “Eu, um negro” acompanha a vida de três jovens imigrantes nigerianos na Costa do Marfim. Filmado com uma câmera Bell & Howell 16mm que só permitia gravar 25 segundos e sem captação de som direto. Os planos acompanham uma semana da vida destes jovens. Todo dia começa com uma narração de Rouch e prosseguem com a voz de Oumarou Ganda<sup>3</sup>, um imigrante nigerense que foi estivador em um porto, mas que à época das gravações trabalhava como pesquisador estatístico em Treichville para Rouch (Gonçalves 2007).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharela em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Mestra e doutoranda em Comunicação e práticas de Consumo pelo PPGCOM ESPM. Bolsista CAPES PROSUP Integral, email: majuveiga@protonmail.com.

<sup>3</sup> Oumarou Ganda foi um importante cineasta nigerense e tem uma obra expressiva como diretor para além de sua participação nos filmes de Rouch.

---

As imagens parecem por vezes desconexas do som. O filme escancara uma cisão ao mesmo tempo em que funde ficção e realidade. As imagens mostram o cotidiano daqueles personagens que ao mesmo tempo em que se interpretam dão vazão aos seus alter egos. Oumarou Ganda se transforma em Edward G. Robinson, como a estrela de cinema e Petit Touré vira Lemmy Caution, agente da polícia americana. Petit Touré se perde em sua interpretação, acaba preso durante as gravações e é condenado a três meses de prisão.

Ao romper com a tradição documentarista do cinema etnográfico e inaugurar a etnoficção “Eu, um negro” apresenta seus personagens de maneira complexa, se desprendendo do caráter voyeurístico do cinema documental que acabava por vezes congelando os sujeitos representados na posição de selvagens. A partir das fabulações ficcionais de seus personagens, a realidade ali retratada ganha contornos complexos que ultrapassam a cristalização de realidades de sofrimento e “selvageria” de que os filmes etnográficos são acusados<sup>4</sup>. Ao falar com os “nativos” e não somente a partir deles, Rouch propõe uma antropologia compartilhada.

A antropologia compartilhada de Rouch tem aproximações com a escritura igualitária de Jacques Rancière. O filósofo francês elabora uma metodologia específica em que a narração não é menos importante que a argumentação e a palavra dos operários não são menos importantes que a dos cientistas. O autor é um pensador ímpar que sublinha a importância do dissenso para a construção de seu pensamento.

A antropologia compartilhada de Jean Rouch consiste em partilhar com o outro a construção do conhecimento, o nativo não seria aqui somente objeto, mas sujeito. O modus operandi Rouchiano não parte do binômio eu/outro, que demarca “eu” no centro e “outro” exotizado nas margens. O modus operandi de Rouch parte de um outro/outro onde não existiria uma hierarquia do “eu” central. Todos podemos parecer diferentes, o outro olha o eu como outro e vice-versa. (Gonçalves 2007)

De forma similar, a metodologia de Rancière não se restringiria ao empirismo “a cena é um conceito em ação e não uma pequena história empírica.” (2021a, p.30). No livro “A noite dos proletários” o autor não trata os escritos dos proletários como um

---

<sup>4</sup> Trazemos aqui o exemplo de “Os mestres Loucos” (1955), filme etnográfico de Rouch que retrata um ritual de posseção africano que culmina com o sacrifício de um cachorro. Em uma das exibições do filme, uma senhora branca americana aborda Rouch elogiando o filme e pedindo uma cópia para mostrar em sua igreja, como exemplo da barbaridade das religiões africanas. Rouch fica horrorizado e pede para restringir a exibição do filme em circuitos universitários e artísticos.

---

produto de suas condições sociais. O autor olha os textos não como objeto, mas como “invenções de forma de linguagem similares a todas as outras “(2021a, p. 55), dessa forma, não haveria uma distinção entre teoria e metodologia. O objeto é também teoria e vice-versa. Para Marques (2021a, p. 56) o método igualitário busca na narrativa dos oprimidos a própria subversão de uma performance da desigualdade.

Ao ser indagado se toda forma de transmissão de conhecimento já não conteria uma forma de hierarquia, uma distância entre o que sabe e o que não sabe. Rancière responde que recusa a maneira clássica do problema da transmissão de pensamento. A pergunta mais produtiva para o autor concerne a linguagem em si e não sua forma de transmissão. Como se constituiria o rigor científico? Como se diferencia a maneira de pensar do pesquisado e do cientista? O autor sublinha a importância da linguagem comum que não hierarquiza, construindo pontes e espaços de igualdade, entre textos filosóficos e outros registros. Por meio da escrita, Rancière almeja construir um plano de igualdade entre blocos de pensamento que não estariam divididos entre blocos que explicam e blocos a serem explicados. Dessa forma, a escrita não é um mero instrumento de transmissão de conhecimento, ela é em si mesma construção de conhecimento (Rancière, 2019).

O objetivo de Rancière não parece ser explicar, mas desconsertar, desestabilizar as redes hegemônicas de poder e dominação. Rancière não postula um novo modelo metodológico a ser seguido, ele não utiliza determinado aporte teórico para explicar o empírico e penso que não gostaria de ter seus textos apropriados com essa intencionalidade. Rancière tenta se colocar na borda da cena e fazer deslizar suas palavras com outras palavras, passando de um bloco de pensamento para outro bloco de pensamento de maneira igualitária.

A divisão entre os que tem tempo e os que não tem, é cruel. Tempo roubado, fetichizado e embalado para consumo. A obsessão Nietzsche- Gramsci- Marx-Foucaultiana com o poder é insuportável. Assumir um círculo da dominação em que os que são dominados não entendem as regras de sua própria dominação, justamente pois estão sendo dominados, é de uma arrogância sem limites. Somente o cientista herói é capaz de compreender a partir de seu tempo ocioso em sua torre de marfim as agruras do tempo roubado do proletário dominado. A saída proposta por Rancière, nesse sentido parece bem mais simpática, as pessoas não estão nessa situação porque não entendem os mecanismos de dominação, elas simplesmente estão nessa situação. O autor é crítico à

hierarquia do conhecimento, propondo uma rede que desmonta legibilidades hegemônicas e hierárquicas. Rancière denuncia uma ciência que busca mostrar as profundezas da ação humana, como se as pessoas fossem incapazes de entender a realidade que as cerca. Em entrevista para Ângela Marques o autor afirma: “Mas eu, verdadeiramente, operei uma espécie de, a meu ver, uma pequena revolução, consistindo em dizer que a racionalidade daquilo que essas pessoas dizem é imanente ao que eles dizem.” (Marques, 2021b, p.21). O autor recusa uma dicotomia entre profundidade e superfície, de uma maneira não hierárquica, a superfície seria uma realidade sólida, compreensível por si mesma. Essa separação entre profundidade e superfície acarreta também em uma divisão entre aqueles que vivem na superfície e os que podem se dedicar a entender as profundezas. Rancière não está interessado em ser o “Homem que vem depois”, expressão utilizada para falar de cientistas que aparecem depois do fenômeno ter acontecido para explicá-lo, sem muito envolvimento ou impacto no desenrolar das coisas. Rancière talvez esteja mais interessado em reorganizar o sensível, em propor novas formas de articular o mundo, desestabilizando, fabulando um universo mais igualitário.

Ao não hierarquizar formas de conhecimento distintas, o autor não atribui um papel secundário para a ficção. Para Rancière (2021cd) a ficção não é o contrário do real, “a ficção não é a invenção de seres imaginários, mas uma estrutura de racionalidade” (Rancière, 2021c, p. 14), ela seria necessária sempre que um senso de realidade precisa ser construído. A construção da realidade passa por fabulações fictícias, um dos exemplos dado pelo autor é a fabulação do progresso histórico, que estaria ancorada na matriz ficcional aristotélica. “A ficção não é, a meu ver, o ato de inventar mundos que não existem. Ela faz parte integrante de nosso mundo. Ela é uma estrutura de racionalidade. Mais ainda, ela é, em nossa civilização, a primeira grande forma de racionalização da ação humana.” (Rancière, 2021d, p.8)

No filme “Eu, um negro”, cenas do cotidiano dos imigrantes na Costa do Marfim são narradas por seus personagens que criam alteregos para si mesmo. Oumarou Ganda encarna um de seus alteregos no filme, o campeão mundial de boxe Ray Sugar Robinson. As cenas acompanham o dia de trabalho, mas também as noites embriagadas de lazer. O método igualitário de Rancière encontra a antropologia simétrica Rouchiana ao procurar nas narrativas dos nativos, na terminologia de Rouch, ou dos proletários, na de Rancière, a subversão da condição de desigualdade a estes impostas.

---

Para Rancière o devaneio exerce um papel importante, não é uma fuga, mas uma forma de rearticulação espaço temporal que remodela a matéria do sensível. Sonhando se pensa um novo mundo, abrindo novas possibilidades para além da dominação. Os atores do filme se imaginam e se concretizam como seus personagens, tomando pra si a posição de sujeito e afastando a pura “representação” que na ânsia de registrar o “real” do documentário pode acabar por congelar as pessoas que representa em uma posição de subalternidade. Neste sentido Rancière e Rouch se aproximam mais uma vez, para o filósofo a ficção atua na produção de resistências e questionamentos, desvelando potências, reconfigurando regimes de visibilidade e de ordens opressoras, a fabulação artística permite que se ultrapasse a reprodução e se explore a possível emergência do novo (Rancière 2021a).

Para mim, como etnógrafo e cineasta, não existe quase barreira entre filme documentário e filme de ficção. O cinema, a arte do duplo, é sempre a transição do mundo real para o mundo imaginário, e etnografia, a ciência dos sistemas de pensamento dos outros, é um permanente cruzar de um universo conceitual para outro; ginástica acrobática, em que perder o pé é o mínimo dos riscos. (Rouch, 2003c:185 apud Gonçalves 2007, p.2).

As imagens podem fazer parte de uma prática reparadora para além de uma representação paranoica com caráter de denúncia (Almeida; Marconi 2022). O filme *Eu, um negro* apresenta seus personagens de forma lúdica e prazerosa constituindo uma cena de dissenso que reorganiza o sensível de forma potente e emancipatória. Convidando o espectador a pensar naqueles personagens como indivíduos ambiciosos e criativos. As imagens e sons não se restringem a denunciar uma realidade de agruras e exploração, mas propõe um espaço de redenção em que os sonhos podem respirar e encontrar também um caminho possível.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gabriela M. R.; MARCONI, Dieison. Trabalhar imagens, reparar o visível: A política da imagem como prática reparadora. 2022. FAMECOS, v. 29, p. 1-13.

GONÇALVES, Marco Antonio. O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. Topbooks, 2007.

MARQUES, Angela. Apresentação da versão em português. In: RANCIÈRE, Jacques. O método da cena. Belo Horizonte: Quixote Do, 2021a.

---

MARQUES, Angela; PRADO, M. A. (Org.). Pequena máquina anti-hierárquica: entrevista sobre o método da cena. 1. ed. Belo Horizonte: SELO PPGCOM, 2021b

RANCIÈRE, J. El litigio de las palabras: diálogo sobre la política del lenguaje. Entrevista a Javier Bassas. Barcelona: Ned Ediciones, 2019.

RANCIÈRE, Jacques. João Guimarães Rosa : a ficção à beira do nada. Belo Horizonte: Relicário, 2021d.

RANCIÈRE, Jacques. O método da cena. Belo Horizonte: Quixote Do, 2021a.

RANCIÈRE, Jacques. Tempos Modernos. São Paulo: N-1, 2021c.

RANCIÈRE, Jacques. The method of equality. Interviews with Laurent Jeanpierre and Dork Zabunyan. Cambridge : Polity Press, 2016.